

1 - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este número da Carta já estava elaborado quando foram divulgados os dados relativos ao resultado do PIB para o 1º. Trimestre de 2013. Incluímos estes dados neste número a título informativo, dada a importância dos mesmos, ficando a análise deste importante indicador do nível de atividade para o próximo número da Carta de Análise Conjuntural.

Um dos elementos importantes do quadro conjuntural que os dados do PIB revelam é aqui analisado: o desempenho do setor externo em abril, maio e no quadrimestre janeiro/abril. O desempenho negativo da balança comercial neste último período, que ensaia uma recuperação em maio, contribuiu também para os reduzidos resultados do PIB do 1º. Trimestre.

Na política fiscal, o governo não conseguiu obter os resultados primários estimados para o primeiro trimestre de 2013. Para que isto ocorresse teria que ter havido um maior controle do governo em relação aos gastos, sobretudo os correntes, e uma elevação real da arrecadação tributária. Nenhuma das duas hipóteses ocorreu e o desfecho foi um resultado primário 41% menor do que o alcançado no mesmo período do ano passado.

Quanto à inflação, o índice de abril superou as expectativas do governo que apostava na sua trajetória de queda. Apesar disso, alguns indicadores preliminares sinalizam para a possibilidade de que o IPCA seja menor em maio.

2 – GOVERNO NÃO CONSEGUE RESULTADO PRIMÁRIO ESPERADO

Prof. Flávio Riani

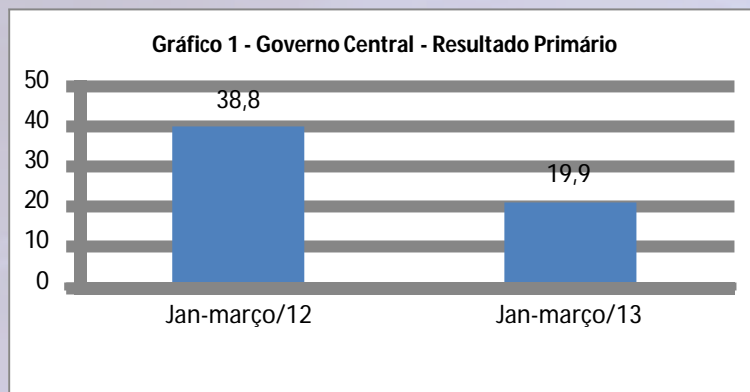
A economia feita pelo governo federal em março ficou bem abaixo da expectativa inicial e muito inferior à do ano passado. Considerando o primeiro trimestre de 2013, comparativamente ao do mesmo período do ano passado, houve queda de 41%.

Como no Brasil erroneamente vinculou-se o resultado primário aos pagamentos da dívida, evidenciou-se o não cumprimento das metas em relação a esses compromissos até março de 2013.

– EXPEDIENTE –

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais: *Grão-Chanceler* – Dom Walmor Oliveira de Azevedo | *Reitor* – Professor Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães | *Vice-Reitora* – Professora Patrícia Bernardes | *Assessor Especial da Reitoria* – Professor José Tarcísio Amorim | *Chefe de Gabinete do Reitor* – Professor Paulo Roberto Souza | *Chefia do Departamento de Economia* – Professora Ana Maria Botelho | *Coordenação do Curso de Ciências Econômicas* – Professora Ana Maria Botelho | *Coordenação Geral* – Professor Flávio Riani e Professor Ricardo F. Rabelo

Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais: Prédio 14, sala 103 | Avenida Dom José Gaspar, 500 | Bairro Coração Eucarístico
CEP: 30535-901 | Tel: 3319.4309 | www.pucminas.br/iceg/conjuntura | icegdigital@pucminas.br



Esse resultado é fruto de uma variação nas despesas do governo federal em patamar superior ao das receitas.

Conforme destacado na tabela 1, enquanto a Receita Líquida Total aumentou nominalmente 3,27%, as despesas elevaram-se em 11,45%.

Tab. 1 - Governo Central - Resultado Fiscal
Jan.Março - R\$ bilhões correntes

Especificação	2012	2013	Cresc. %
Receita Líquida	217,2	224,3	3,27
Despesas	183,4	204,4	11,45
Resultado Primário	33,8	19,9	-41,12

Fonte: Tesouro Nacional

A baixa elevação no nível das receitas é consequência da performance da economia, que também apresentou no primeiro trimestre desempenho abaixo das expectativas, e da política de desonerações setoriais implantadas pelo governo nos últimos anos. Descontando a taxa de inflação medida pelo IPCA, as receitas apresentaram queda real de 0,5% em relação ao mesmo período em 2012.

Além de um desempenho econômico desfavorável o governo não foi capaz de controlar suas despesas. Ao contrário do discurso oficial, as despesas do governo cresceram não em função da elevação de gastos com investimentos, mas sim com aumentos nos gastos correntes.

Mantida a perspectiva fiscal observada até agora, o resultado anual caminha para a elevação da relação dívida pública / PIB. Isto resultará da combinação de elevação da dívida, através de correções de estoques mais agregação de encargos não pagos, com a expectativa de baixo crescimento do PIB.

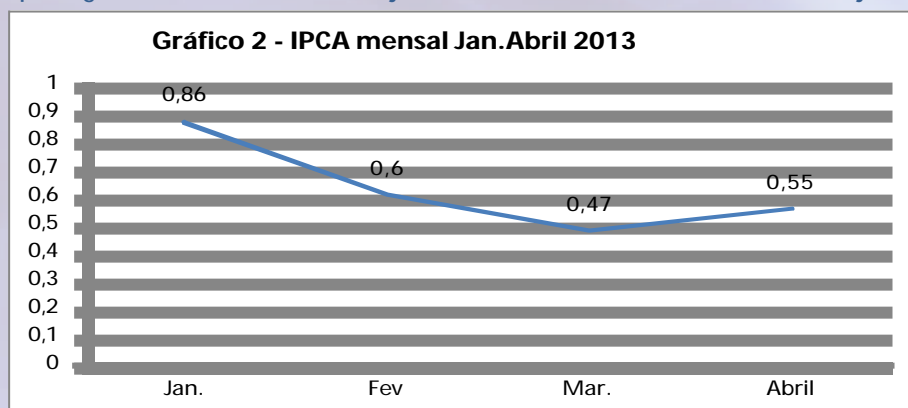
2- ESTATÍSTICA AJUDA GOVERNO NA ANÁLISE DA INFLAÇÃO

Prof. Flávio Rian

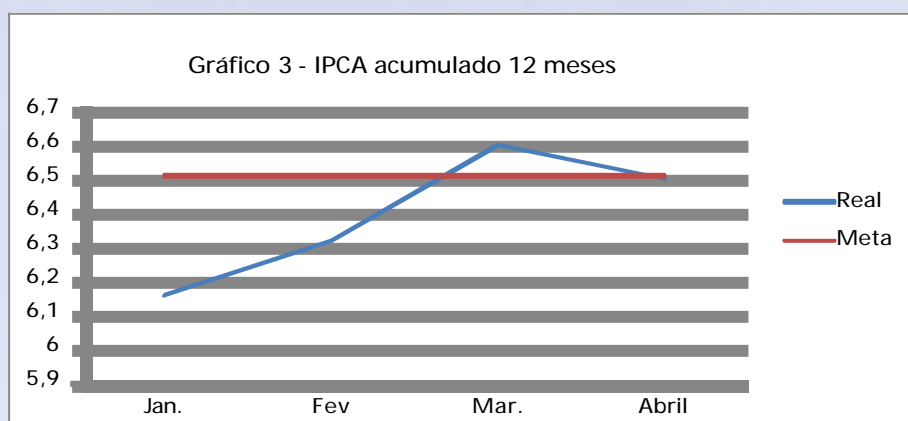
Por não utilizar o processo de arredondamento, a inflação acumulada até abril ficou abaixo do teto máximo projetado pelo governo. O percentual acumulado dos últimos 12 meses atingiu 6,49% , portanto, 0,01% abaixo da meta de 6,5% definida pelo governo.

Em termos práticos pode-se dizer que a inflação atingiu o teto máximo uma vez que estamos tratando praticamente do mesmo valor. Porém, do de vista político e psicológico, o governo prefere dizer que a inflação acumulada está abaixo da meta superior.

De qualquer forma o percentual de 0,55% apurado em abril ficou acima do esperado pelo governo e reverteu a trajetória decrescente observada desde janeiro.

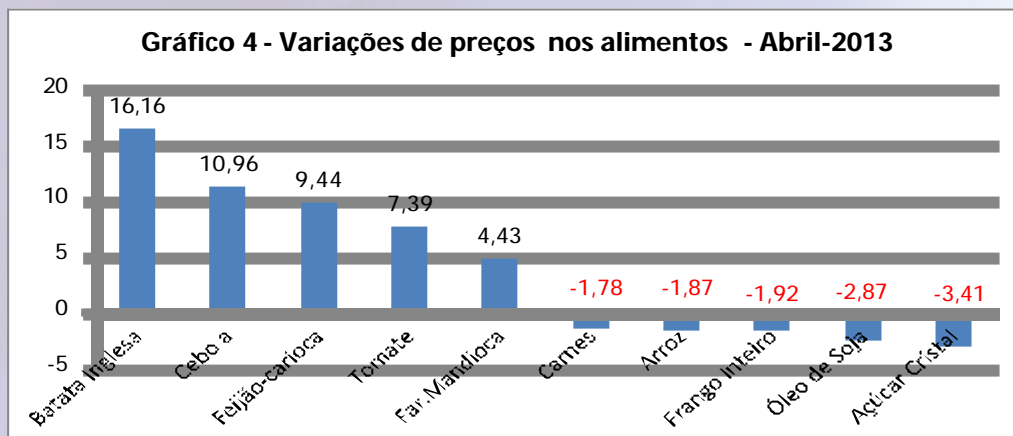


Os valores apurados nos dois últimos meses praticamente mantiveram a inflação dos últimos meses acima e bem próximo da meta governamental, conforme revelado pelo gráfico 3.

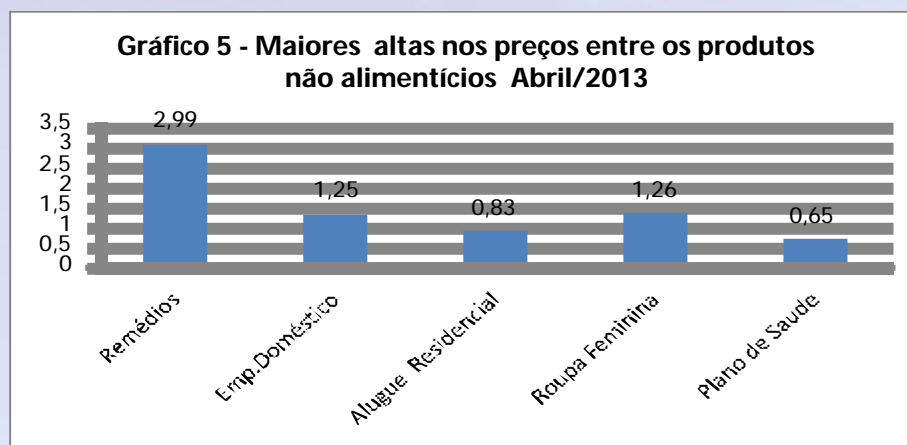


A taxa de inflação apurada pelo IPCA surpreendeu os analistas e o governo que esperavam queda nos itens relativos a alimentos em função das desonerações da cesta básica concedidas pelo governo. Esperava-se que houvesse uma redução na elevação dos preços dos alimentos o que não ocorreu. Ao contrário este item continuou subindo e foi um dos que registraram maiores elevações de preços nos últimos meses, alcançando 14%, portanto mais do que o dobro da inflação acumulada no mesmo período.

O gráfico 4 destaca alguns itens do grupo de alimentação e suas taxas de variações de preços em abril.



O gráfico 5, por outro lado, destaca as variações de preços que registraram maiores altas nos grupos não pertencentes à alimentação. Neste conjunto de bens, destacam-se os remédios cuja taxa de crescimento em abril alcançou 2,99%, quase 5 vezes maior do que a inflação média do mês. Os demais itens registrados no gráfico 5 mostram também taxas de crescimento superiores à média apurada no mês.



Informações preliminares sobre produção industrial, emprego e sobre produtos que fazem parte da metodologia de apuração do IPCA sinalizam para uma provável queda na taxa de inflação em maio. Parte desse resultado dependerá das políticas a serem adotadas pelo governo em relação ao controle dos gastos públicos e das alterações na taxa SELIC. De qualquer forma, a maior probabilidade é a de uma taxa de inflação menor em maio.

3. SETOR EXTERNO: SINAL DE ALERTA

Prof. Ricardo F. Rabelo

3.1 - O DÉFICIT NA BALANÇA COMERCIAL PERSISTE.

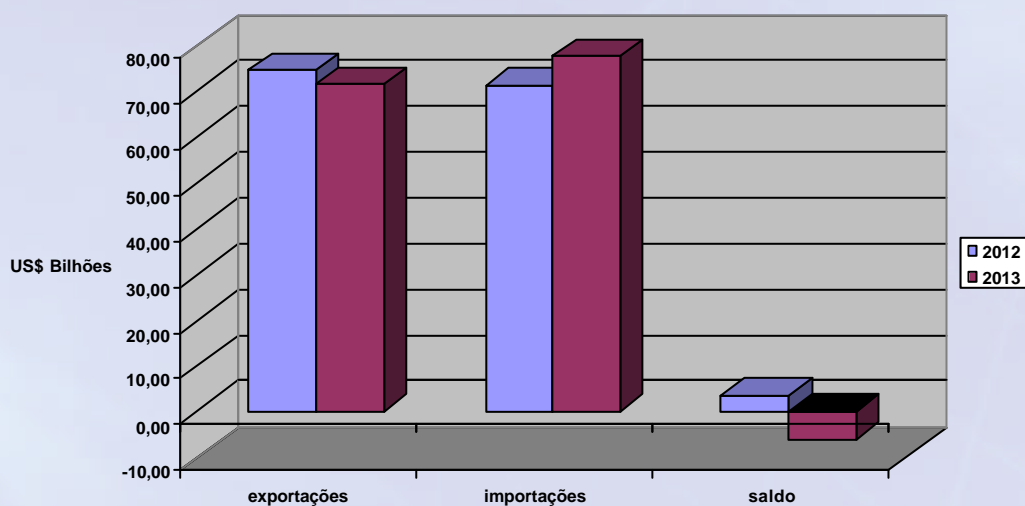
A evolução do setor externo em 2013 tem demonstrado uma performance de acentuado desequilíbrio na Balança Comercial, que coloca um alerta, pela primeira vez em muitos anos, para a possibilidade de uma crise de maiores proporções. Em abril, o resultado da Balança da Comercial repete a situação de déficit que vem se manifestando desde janeiro. As exportações demonstraram perda de dinamismo, ficando em US\$ 20,631 bilhões. Esse resultado representa redução de 4,1% em comparação com abril de 2012 e de 2,9% em relação a março de 2013, pela média diária.

Já as importações alcançaram o valor de US\$ 21,626 bilhões, número recorde para meses de abril. Em relação a 2012 houve crescimento de 5,2%, e sobre março de 2012, crescimento de 2,6%, pela média diária. Como resultado, temos um forte desequilíbrio que se manifesta em um saldo comercial de déficit de US\$ 995 milhões, ao contrário do revertendo o superávit de abril de 2012 que foi de US\$ 879 milhões.

Por trás desses números continua a se manifestar o fenômeno da reprimarização da pauta de exportações já em Abril que os produtos manufaturados registraram US\$ 7,245 bilhões, com queda de 3,9% em relação a 2012 e os básicos somaram US\$ 10,472 bilhões, com recuo de 5,5% enquanto os semimanufaturados somaram US\$ 2,457 bilhões com crescimento de 1,5%.

Gráfico 6

Evolução da Balança Comercial - janeiro/abril - 2012/2013



Fonte:MDIC

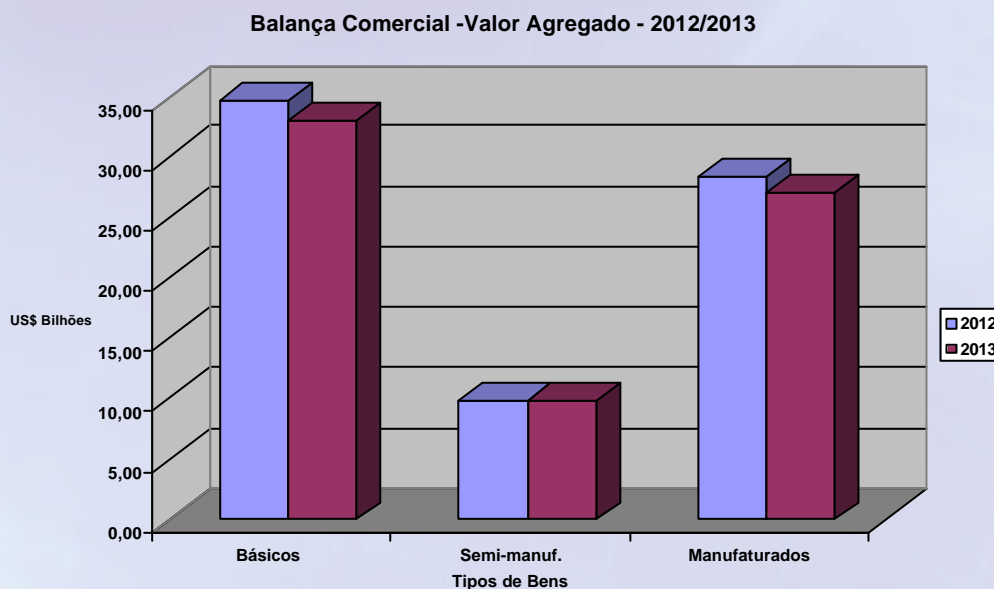
Quando se toma o resultado acumulado para o quadrimestre janeiro-abril de 2013, vemos que há uma tendência no sentido de aprofundamento deste desequilíbrio. Enquanto as exportações apresentaram valor de US\$ 71,467 bilhões, com queda de 3,1%, as importações somaram recorde de US\$ 77,619 bilhões, com crescimento de 10,1% sobre o mesmo período anterior, pela média diária.

Já o saldo comercial acumulou déficit de US\$ 6,152 bilhões, invertendo os resultados de igual período em 2012, quando tivemos superávit de US\$ 3,299 bilhões. Também nesse caso manifesta-se uma retração nas exportações de produtos manufaturados em relação a igual período de 2012, de 3,7%, para US\$ 27,006 bilhões, equivalentes à retração de produtos básicos -3,7%, para US\$ 32,950 bilhões, enquanto os semimanufaturados mostraram crescimento de +1,2%, para US\$ 9,809 bilhões.

Essa aparente igualdade de comportamento entre manufaturados e básicos desaparece quando se comparam os índices de preço e de quantum das exportações brasileiras, no período janeiro/abril de 2013 em relação a 2012. No geral, houve uma queda de 1,6% no que se refere ao índice de preço e de 2,4% relativo ao índice de quantum.

Quando se analisa este processo com relação ao valor agregado vê-se que, no que se refere aos preços, houve redução nos semimanufaturados (9,6%) e manufaturados (3,7%), enquanto os básicos cresceram 2,8%. Já em volume, houve uma queda muito maior dos básicos (-7,1%) do que dos manufaturados (-1,3%), enquanto os semimanufaturados cresceram 11,1%.

Gráfico 7



Fonte: MDIC

Dessa forma, o recuo das exportações dos básicos foi muito mais expressiva, já que foram afetados mais fortemente na queda de volume do que dos preços. Aparentemente, isto mostraria um avanço nas exportações dos produtos manufaturados, quando na

verdade expressa muitas variações sazonais tanto na oferta quanto na demanda de produtos básicos.

3. 2. O MAPA DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

3.2. I O DESEMPENHO NO MÊS DE ABRIL

Ao se comparar abril de 2013 com o de 2012 vê-se que as exportações brasileiras decresceram significativamente para os Estados Unidos e União Européia, mantendo expressivo crescimento para Ásia, onde se destaca a China e secundariamente para o Mercosul, Oriente Médio e África.

Para a África, as exportações brasileiras aumentaram 3,6%, de US\$ 743 milhões para US\$ 847 milhões, no período considerado. Por outro lado, houve pequeno crescimento de 1,6 das exportações para o Oriente Médio elevando-se de US\$ 749 milhões para US\$ 837 milhões, em abril de 2013. O Mercosul, por sua vez, mostrou crescimento de 12,5% nas exportações. Para a Argentina, o nosso maior importador dentre os componentes do bloco (12,4% do total da pauta de exportações brasileiras no mês de abril), as vendas registraram ampliação de 18,8% pela média diária.

As vendas para o continente asiático registraram acréscimo de cr 6,6% pela média diária, evoluindo de US\$ 6,3 bilhões para US\$ 7,4 bilhões. As exportações para a China, principal comprador individual de produtos brasileiros no mês de abril, registraram aumento de 7,4%, atingindo US\$ 4,7 bilhões. A participação da China no total da pauta de exportação brasileira foi de 22,8%.

Este crescimento nas exportações para a China, Argentina e demais países destas regiões é que impediu uma maior piora de nossa balança comercial. Porque para as demais regiões o desequilíbrio foi acentuado. No nosso próprio continente, tivemos queda das exportações para América Latina e Caribe, exclusive Mercosul, de 15,5%, passando de US\$ 1,9 bilhões para US\$ 1,7 bilhão. Já para os Estados Unidos, apesar de ser o segundo maior importador individual de produtos brasileiros no mês de abril, as exportações despencaram em 19,7%, passando de US\$ 2,1 bilhões para US\$ 1,8 bilhão. A participação dos Estados Unidos no total da pauta de exportação brasileira foi pífia, de apenas 9,0%.

Como era esperado, a União Européia mergulhada em uma recessão generalizada, provocada pela política de austeridade patrocinada pelo FMI, Banco Central Europeu e Comissão Econômica Européia, acusou expressiva queda de 14,9% nas suas compras de bens brasileiros, ao passar de US\$ 4,3 bilhões para US\$ 4,0 bilhões. Os principais países de destino no bloco foram: Países Baixos (US\$ 1,2 bilhão, -10,5%); Alemanha (US\$ 567,1 milhões, -9,7%); Reino Unido (US\$ 395,7 milhões, +4,5%); Espanha (US\$ 393,4 milhões, +45,5%); França (US\$ 379,1 milhões, -6,0%); Itália (US\$ 319,4 milhões, -42,3%); e Bélgica (US\$ 298,9 milhões, +21,2%).

Acompanhando este processo, mas nem sempre pelos mesmos motivos, a Europa Oriental, mostrou uma retração de 37,8% na comparação abril 2013/2012, passando de US\$ 418 milhões para US\$ 286 milhões. As vendas para a Rússia, maior mercado na região, caíram 23,8%, passando de US\$ 321,6 milhões para US\$ 244,9 milhões.

2.2 – As exportações no quadrimestre janeiro-abril

Comparando-se janeiro / abril de 2013 com o mesmo período de 2012 constata-se que as exportações brasileiras caíram fortemente para os Estados Unidos e União Européia, mantendo importante crescimento para Ásia, onde se destaca a China e secundariamente para o Oriente Médio , África e Mercosul, com desempenho similar ao do mês de abril.

Para a África, as exportações brasileiras aumentaram 3%, para US\$ 3,5 bilhões, no período considerado. Por outro lado, houve crescimento expressivo de 15,3% das exportações para o Oriente Médio elevando-se para US\$ 3,4 bilhões, o que fez a participação da região na nossa pauta passar de 4,2% para 5,0%.

O Mercosul, por sua vez, mostrou pequeno crescimento de 0,2% nas exportações, alcançando US\$ 8,7 bilhões, o que resultou em aumento de participação no total das vendas brasileiras, passando de 11,8% para 12,2%. Para a Argentina, o nosso maior importador dentre os componentes do bloco (8,2% do total da pauta de exportações brasileiras no quadrimestre), as vendas registraram ampliação de apenas 0,2% pela média diária para US\$ 5,9 bilhões.

Ao contrário dos resultados de Abril, a Europa Oriental, acusou um crescimento de 7,0% nas exportações, de US\$ 1,2 bilhão para US\$ 1,3 bilhão, mostrando uma pequena importância, em termos de valor, para nossa pauta de exportações. A Rússia representa o mercado mais importante na região, com vendas de US\$ 1,0 bilhão (+12,0%), seguida por: Ucrânia (US\$ 125,7 milhões, -17,9%); Cazaquistão (US\$ 41,3 milhões, +10,7%); e Geórgia (US\$ 39,7 milhões, -20,8%).

As exportações para o continente asiático no quadrimestre janeiro/abril tiveram acréscimo de 3,8%, evoluindo de US\$ 21,601 bilhões para US\$ 22,2 bilhões. As exportações para a China, principal comprador individual de produtos brasileiros , mostraram aumento de 5,9%, atingindo US\$ US\$ 12,430 bilhões. A participação da China no total da pauta de exportação brasileira foi de 31,0%.

Como em abril, este crescimento nas exportações para a Ásia, África e Mercosul é que impediu uma maior piora de nossa balança comercial. Porque para as demais regiões o desequilíbrio no quadrimestre janeiro /abril de 2013 foi acentuado. Também como em abril, no nosso próprio continente, tivemos queda das exportações para América Latina e Caribe, exclusive Mercosul, de 13,2%, passando de US\$ 7,234 para US\$ 6,202 bilhões. Já para os Estados Unidos, apesar de ser o segundo maior importador individual de produtos brasileiros as exportações despencaram em 20,2%, passando de US\$ US\$ 9,1 bilhões para US\$ 7, 139 bilhão. A participação dos Estados Unidos no total da pauta de exportação brasileira foi pífia, de apenas 10,0%.

A União Européia , no quadrimestre , mostrou uma queda menor que em Abril, de 9,3% nas suas compras de bens brasileiros, ao passar de US\$ US\$ 15,8 bilhões para US\$ 14,1 bilhões. De qualquer forma, o impacto da crise se reflete nesses números. Os principais países de destino no bloco foram: Países Baixos (US\$ 4,4 bilhões, -8,6%); Alemanha (US\$ 2,0 bilhões, -17,6%); Reino Unido (US\$ 1,4 bilhão, +6,2%); Itália (US\$ 1,3 bilhão, -16,0%);

Espanha (US\$ 1,2 bilhão, -11,4%); Bélgica (US\$ 1,2 bilhão, -6,6%); França (US\$ 1,2 bilhão, -5,7%); e Portugal (US\$ 211,9 milhões, -56,3%).

3.3. EVOLUINDO PERIGOSAMENTE

Até recentemente o fantasma de uma grande crise no setor externo como tantas que tivemos nas décadas de 80 e 90 parecia estar afastado. Nestes últimos anos tivemos até 2007 expressivo superávit em transações correntes, assegurado por um grande dinamismo das exportações quer cresçam em quantum e preço, e também por um déficit sob controle das contas de serviços e rendas. A partir da crise financeira internacional, já a partir de 2007, essa tendência se inverteu e passamos a ter novamente déficit em transações correntes, tendo em vista o aumento exponencial da remessa de lucros ao exterior, decorrente da necessidade das empresas transnacionais em suprir de recursos as matrizes, também em crise financeira.

A mudança que em 2013 começa a ocorrer é que estamos caminhando perigosamente para um déficit de transações correntes perto de 3% do PIB, o que pode significar um comprometimento irreversível de nossas contas externas. E, por outro lado, não podemos contar com a expressiva entrada de recursos estrangeiros para possibilitar o financiamento do déficit.

Em abril, o Brasil registrou déficit em transações correntes de US\$ 8,318 bilhões. Considerando valor acumulado nos últimos 12 meses o déficit é de US\$ 70 bilhões, atingindo o valor de 3,04% do Produto Interno Bruto (PIB). De acordo com o Banco Central, foram gastos liquidamente no mês US\$ 2,542 bilhões em remessas de lucros e dividendos ao exterior e US\$ 1,533 bilhão com viagens internacionais. Estes dados provocaram reviravolta nas expectativas anteriores, já que os números foram muito piores que o esperado pelo mercado, que era de um saldo negativo de no máximo US\$ 7,222 bilhões de dólares. O próprio Banco Central do Brasil calculou o déficit em US\$ 6,4 bilhões. O resultado superou também o déficit registrado no mesmo período do ano passado, que foi de US\$ 5,368 bilhões.

No mês de abril, a entrada de investimentos estrangeiros diretos (IED) não foi suficiente para o financiamento do déficit em transações correntes pois alcançou somente US\$ 5,720 bilhões em abril, já descontadas repatriações de capital aos países de origem. A essa conta deve-se somar os valores de US\$ 959 milhões na forma de investimentos em ações e de US\$ 815 milhões como investimentos em títulos de renda fixa, totalizando US\$ 7,494 bilhões, quantia também insuficiente para equilibrar o Balanço de pagamentos.

3.4. RECUPERAÇÃO À VISTA?

Já no mês de maio tem-se, pela primeira vez no ano, boas notícias. As exportações registraram US\$ 17,907 bilhões, com média diária de US\$ 1,053 bilhão, representando redução de 0,2%, em relação ao resultado de maio de 2012. Em termos de valor agregado se mantém as tendências analisadas, com exceção do fato de que também caíram as vendas de semimanufaturados (-11,2%) e permanece a queda de exportações de

manufaturados, de 2,9%. Houve, em maio, uma mudança nas vendas de produtos básicos que agora crescem 4,7%, acentuando-se, portanto, a tendência à primarização da pauta de exportações. Já as importações ficaram em US\$ 16,389 bilhões, o que representa uma retração de 1,9% sobre o resultado verificado em abril deste ano (US\$ 983 milhões). A balança comercial registra, pela primeira vez no ano, um superávit no mês de maio de US\$ 1,518 bilhão, contra um superávit muito mais expressivo de US\$ 2,962 bilhões em 2012. Já no ano, persiste o déficit comercial que totaliza US\$ 4,634 bilhões, que em 2012 representava um superávit de US\$ 6,092 bilhões. Esse déficit é resultado de um desequilíbrio entre as exportações totalizando no ano US\$ 89,374 bilhões e as importações, que somaram US\$ 94,008 bilhões. Houve também a influência da contabilização atrasada de petróleo e gás. Dessa forma, a análise do período até abril, permanece válida se incluímos os resultados de maio, mesmo com a possível recuperação do saldo da balança comercial, que poderá criar a possibilidade, esperada por analistas, empresários e governo, de um saldo positivo até o final do ano.

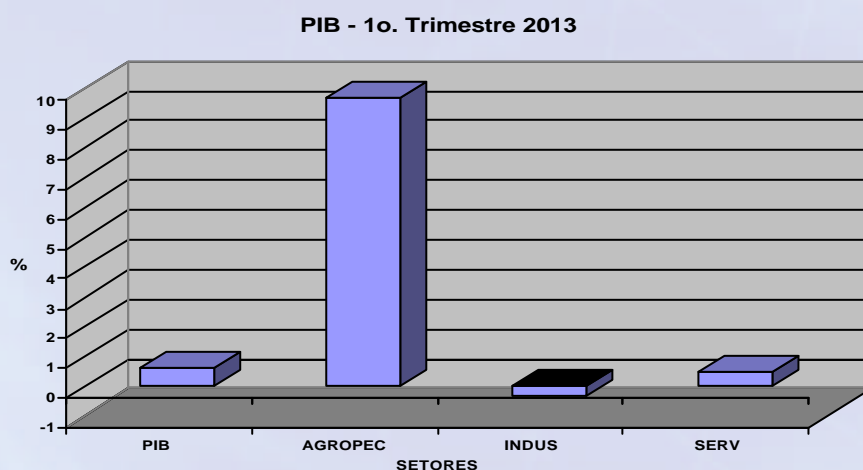
4. PIB: CRESCIMENTO REDUZIDO

Prof. Ricardo F. Rabelo

O Produto Interno Bruto (PIB) a preços de mercado registrou um crescimento de 0,6% no 1º trimestre em comparação com o quarto trimestre de 2012. O setor que liderou o crescimento foi a agropecuária, com o expressivo índice de 9,7%.

O setor de serviços cresceu 0,5%, enquanto a indústria caiu 0,3%. Comparando-se com o 1º trimestre de 2012, ocorreu um aumento do PIB de 1,9% no primeiro trimestre do ano. Se considerarmos o valor acumulado dos quatro trimestres que se encerram no primeiro trimestre de 2013, o PIB acusou crescimento de 1,2% em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Gráfico 8



Fonte: IBGE